

PNAD CONTÍNUA

5,6% desempregados em 2025

É a menor taxa registrada na série histórica; 20 unidades da federação registram o menor nível de desocupação nessa metodologia

» PEDRO JOSÉ*

O ano de 2025 terminou com taxa de desocupação no Brasil de 5,6%, o que representa um recuo de um ponto percentual em relação a 2024. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, a PNAD Contínua, divulgado ontem, foi o menor nível de desemprego registrado desde que teve início a série histórica, em 2012.

Somente no 4º trimestre, o indicador foi de 5,1%, contra 5,6% no trimestre anterior e 6,2% ante o mesmo trimestre móvel de 2024.

No resultado anual, as maiores taxas anuais de desocupação no ano passado foram de Piauí (9,3), Bahia e Pernambuco (ambos com 8,7%) e Amazonas (8,4). As menores foram registrada no Mato Grosso (2,2%), Santa Catarina (2,3%) e Mato Grosso do Sul (3,0%).

Para Rafael Prado, consultor de macroeconomia da GO Associados, o nível atual indica aquecimento do mercado, “A taxa de 5,1% indica um mercado de trabalho aquecido e próximo do pleno emprego. Isso já se reflete em dificuldades de contratação relatadas por empresas, sobretudo em setores que demandam qualificação específica, como a indústria”, afirmou. Segundo ele, o cenário contribui para pressionar a inflação de serviços, que encerrou 2025 em 6%.

Entre os recortes sociodemográficos, a taxa foi maior entre mulheres (6,2%) do que entre homens (4,2%). Por cor ou raça, pretos registraram 6,1% e pardos 5,9%, ambos acima da média nacional. Entre brancos, a taxa foi de 4%. A maior taxa por nível de instrução ocorreu entre pessoas com ensino médio incompleto, 8,7%. A menor foi entre quem possui ensino superior completo, 2,7%.

A taxa composta de subutilização da força de trabalho ficou em 13,4% no país. Piauí registrou 27,8%, Bahia 25,4% e Alagoas 25,1%. As menores taxas foram observadas em Santa Catarina, 4,4%, Espírito Santo, 5,9%, e Mato Grosso, 6,1%.

Os desalentados representaram 2,4% da população na força de trabalho ou desalentada. Maranhão apresentou 9,1%, Alagoas 8% e Piauí 7,3%. As menores proporções foram registradas em Santa Catarina, 0,3%, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul, ambos com 0,6%.

Entre os empregados do setor privado, 74,4% tinham carteira assinada. Santa Catarina registrou 86,3%, São Paulo 82,2% e Rio Grande do Sul 81,5%. Maranhão ficou

José Cruz/Agência Brasil



Apesar da queda da média nacional, alguns estados ainda possuem índices elevados de desemprego, como Piauí, Bahia e Pernambuco



Este ano eleitoral deve ter um gasto maior do governo, o que deve favorecer um pouco esses índices do mercado de trabalho. Mas a manutenção desse cenário positivo passa necessariamente pelo aumento de investimentos não só públicos, mas principalmente investimentos privados”

César Bergo, professor de Mercado Financeiro da UnB

com 52,5%, Piauí com 54,3% e Paraíba com 54,8%.

O trabalho por conta própria correspondeu a 25,3% da população ocupada. Maranhão registrou 34% e Pará 30,3%. Distrito Federal ficou com 17%, Acre com 18,8% e Tocantins com 20,8%.

A taxa de informalidade atingiu 37,6% no país. Maranhão registrou 57,3%, Pará 56,7% e Amazonas 51,6%. As menores taxas foram verificadas em Santa Catarina, 25,7%, Distrito Federal, 27,1%, e São Paulo, 29,7%.

O país registrou 1,1 milhão de pessoas em busca de trabalho há dois anos ou mais, queda de 19,6% frente aos 1,3 milhão do mesmo trimestre de 2024. Outras 1,1 milhão buscavam emprego há menos de um mês, recuo de 23,1% na comparação com 1,4 milhão registrados um ano antes.

O rendimento médio real habitual foi de R\$ 3.613, superior aos R\$ 3.527 do trimestre anterior e aos R\$ 3.440 do mesmo período de 2024. As regiões Norte, com R\$ 2.846, e Sudeste, com R\$ 4.033, apresentaram crescimento em relação ao 3º trimestre de 2025, enquanto as

demais ficaram estáveis.

A massa de rendimento real alcançou cerca de R\$ 367,5 bilhões, acima dos R\$ 356,6 bilhões do trimestre anterior e dos R\$ 345,5 bilhões registrados no 4º trimestre de 2024.

O consultor, Rafael Prado, avalia que há sinais estruturais positivos, como o avanço do emprego formal e a queda do desemprego de longo prazo, mas ressalta que a metodologia capta ocupação independentemente da qualidade do posto. “A produtividade do trabalho no Brasil cresceu apenas 0,3% na média entre 2019 e 2024”, disse.

Sobre o aumento do rendimento médio, Prado afirmou que o movimento amplia o consumo das famílias e impacta o PIB pela demanda interna. “A expansão da massa salarial tende a fortalecer a arrecadação tributária, embora esteja longe de resolver o desequilíbrio fiscal estrutural”, declarou.

Ele acrescentou que a informalidade elevada e a taxa de subutilização indicam heterogeneidade no mercado. “Uma informalidade de 38,1% indica que parte relevante da geração de ocupação ocorre em

postos precários”, afirmou.

Para os próximos anos, o consultor projeta desaceleração diante do nível elevado de juros e possível ajuste fiscal. “Mudanças na regra fiscal podem reduzir estímulos e afetar a criação de vagas. Além disso, a expansão da gig economy deve transformar relações de trabalho e exigir atualização das leis”, concluiu.

Cenário

Para, César Bergo, economista e professor de Mercado Financeiro da UnB e Conselheiro de Economia do DF, “ É possível observar que esse número divulgado pelo IBGE traz consigo uma importante informação: é o menor número da série histórica. Então, isso significa que o mercado de trabalho está aquecido”, afirmou.

Segundo ele, a manutenção do nível de emprego é relevante para a atividade econômica. “No cenário estrutural da economia, é importante que o nível de empregos se mantenha dessa forma para que possa também, de alguma forma, ter um impacto positivo na economia. Além disso, houve um

Mercado aquecido	
Ranking das menores taxas de desemprego no Brasil em 2025	
Unidade Federativa	Valor (%)
Mato Grosso	2,2
Santa Catarina	2,3
Mato Grosso do Sul	3,0
Rondônia	3,3
Espírito Santo	3,3
Paraná	3,6
Rio Grande do Sul	4,0
Minas Gerais	4,6
Goiás	4,6
Tocantins	4,7
São Paulo	5,0
Roraima	5,1
Brasil	5,6
Paraíba	6,0
Ceará	6,5
Acre	6,6
Pará	6,8
Maranhão	6,8
Distrito Federal	7,5
Rio de Janeiro	7,6
Amapá	7,9
Sergipe	7,9
Rio Grande do Norte	8,1
Alagoas	8,3
Amazonas	8,4
Pernambuco	8,7
Bahia	8,7
Piauí	9,3

Fonte: IBGE

aumento do rendimento médio do trabalhador”, disse.

Bergo apontou, porém, diferenças regionais. “O que me chama atenção é a disparidade regional. O Norte e o Nordeste têm um fator maior de desemprego, enquanto o desemprego está menor nas regiões Sul e Centro-Oeste. Então, é preciso que haja políticas públicas para equilibrar essa questão em termos nacionais e também a questão da renda, pois existe uma concentração muito grande nessas regiões”, declarou.

Ele acrescentou que o ano eleitoral pode influenciar o cenário. “Este ano eleitoral deve ter um gasto maior do governo, o que deve favorecer um pouco esses índices do mercado de trabalho. Mas a manutenção desse cenário positivo passa necessariamente pelo aumento de investimentos não só públicos, mas principalmente investimentos privados”, afirmou.

Segundo o economista, a trajetória da taxa de juros também será determinante. “Com o declínio da taxa de juros, esse cenário deve ser mais favorável ao mercado de trabalho”, concluiu.

CB.AGRO

DF tem mais de 19 mil produtores do agronegócio

» CAETANO YAMAMOTO*

O acesso a mercados é encarado como um dos principais desafios para o produtor agrícola do Distrito Federal. Por isso, o AgroBrasília 2026 — feira de tecnologia e negócios voltada para empreendedores rurais de diversos portes e segmentos — é considerado uma importante vitrine e espaço para fazer negócios.

Convidado de ontem do programa CB.Agro, o gestor de Agronegócio do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) no DF, Leonardo Zimmer Nascimento, explicou que um levantamento do Sebrae apontou para a atuação de mais de 19 mil pequenos, micro e médios produtores de agronegócio no DF.

No programa — parceria entre o Correio e a TV Brasília — Nascimento conversou com os jornalistas Mariana Niederauer e Marcelo Agner, a quem detalhou o dinamismo do setor na capital. “No Distrito Federal, temos uma representação

grande na parte de horticultura, fruticultura e alguns produtores atuando na cadeia de bovinocultura. O agronegócio também é voltado para a parte de agricultura orgânica e temos a turma da apicultura. O nosso DF está bastante diversificado nesse sentido”, revelou.

Para auxiliar os produtores em seus empreendimentos, o Sebrae tem atuado com soluções tecnológicas ou de acesso a mercados, como, por exemplo, a participação em feiras e eventos.

“Por exemplo, para o pessoal que trabalha com horticultura, uma forma de diferenciação encontrada é buscar a produção sustentável voltada para a agricultura orgânica. Ou seja, esses produtores podem adequar o seu empreendimento para conseguir o selo de produto orgânico e, a partir daí, acessar mercados diferenciados com preços diferenciados, seja um produto in natura, como uma salada, ou um produto um pouco mais elaborado, como uma

Bruna Gaston CB/DA Press



geleia ou um minimamente processado”, destacou.

De acordo com o convidado, o Sebrae sempre esteve presente na AgroBrasília e esse ano eles irão fomentar a comercialização, abrindo edital para produtores interessados em expor seus produtos ou serviços.

“Teremos um espaço dedicado

ao turismo rural no Distrito Federal, que é uma forma interessante de agregação de valor, como os casos da Vinícola Brasília e de produtores que trabalham com o sistema “colha e pague” (mirtilo e morango). Além disso, haverá uma ativação para a cafeicultura, permitindo a degustação e compra do café produzido no ‘quadrado’, apontou.

Nascimento revela que o perfil dos pequenos produtores é de quem tem experiência, estando na faixa etária de 40 a 75 anos, muitos atuando com hortifruti. Há, ainda, um grupo proveniente da reforma agrária atendido pela Emater.

“Um desafio que enfrentamos no Distrito Federal é a sucessão



Temos uma representação grande na parte de horticultura, fruticultura e alguns produtores atuando na cadeia de bovinocultura. O agronegócio também é voltado para a parte de agricultura orgânica e temos a turma da apicultura.”

Leonardo Zimmer Nascimento, gestor de Agronegócio do Sebrae-DF

*Estagiários sob supervisão de Edla Lula